

GT XV SIMPÓSIO DA ANPEPP “DA LEI SIMBÓLICA À NORMATIVIDADE DA ROTINA”: a ordem de ferro e o supersocial Coordenadora: Tania Coelho dos Santos (PPGTP/UFRJ) e Vice-coordenador: Jésus Santiago (PPGP-UFMG)

Resumo

Nós nos perguntamos quais são as invenções que os sujeitos fabricam nos dias de hoje para defender-se do real da morte, do sexo e do desamparo. Partimos da perspectiva inaugurada por Michel Foucault de um rebaixamento geral da lei simbólica à norma social. Quando o pacto simbólico é rebaixado ao nível do contrato intersubjetivo – isto é, quando a responsabilidade subjetiva devém responsabilidade do Estado – o sintoma histérico, neurose clássica, pode dar lugar à neurose obsessiva, à psicose ordinária e às perversões banais. Os integrantes de nosso grupo são muito comprometidos com o ensino, a pesquisa científica, a aplicação técnica e a divulgação da psicanálise em programas de pós-graduação de universidades públicas e privadas. Grande parte deles fizeram seus mestrados, doutorados e/ou pós-doutorados no Programa de Pós-graduação do Département de Psychanalyse de Paris VIII, fundado pelo psicanalista Jacques Lacan, onde se ensina teoria da clínica psicanalítica. O método da conversação catalisa as diferentes perspectivas rumo à convergência possível.

Abstract

We ask ourselves what are the inventions that subjects produce these days to defend themselves from the real of death, of sex and of helplessness. We start from the perspective inaugurated by Michel Foucault a general lowering of the symbolic law to a social regulation. When the symbolic pact is demoted to the level of intersubjective agreement - that is, when the subjective responsibility thus becomes the responsibility of the State - the hysterical symptom, classic neurosis, may lead to obsessive neurosis, ordinary psychosis and common perversions. The members of our group are very committed to teaching, to the scientific research, technical application and dissemination of psychoanalysis in graduate programs of public and private universities. Most of them obtained masters, doctoral and / or post - doctoral degrees in the Graduate Program in Psychanalysis at the Département de psychanalyse of the University of Vincennes in Saint Denis (Paris VIII) , founded by the psychoanalyst Jacques Lacan, where psychoanalytic clinic theory is taught. The method of conversation catalyzes the different perspectives towards a possible convergence .

Resumen

Preguntámonos: ¿cuáles son las invenciones que los sujetos producen en estos días para defender se de la verdad de la muerte, del sexo y de la impotência? Partimos de la perspectiva inaugurada por Michel Foucault, una réducção general de la ley simbólica a la norma social. Cuando el pacto simbólico se degrada al nivel de acuerdo intersubjetivo - es decir, cuando la responsabilidad subjetiva se convierte así en la responsabilidad del Estado - el síntoma histérico, neurosis clásica, puede conducir a la neurosis, a las psicosis ordinarias, a las perversiones y a los obsesivos banales. Los miembros de nuestro grupo están muy comprometidos con la enseñanza, la investigación científica, la implementación técnica y la difusión del psicoanálisis en los programas de postgrado de las universidades públicas y privadas. La mayoría de ellos lo hicieron sus másters, doctorados y/o el programa de postdoctorado en el Departamento de Psychoanalysis de Paris VIII, fundada por el psicoanalista Jacques Lacan, donde se enseña la teoría psicoanalítica. El método de la conversación cataliza las diferentes perspectivas rumbo a la convergência possible.

Lista de participantes e instituições a que pertencem

- 1) Ana Lydia Bezerra Santiago, Professora Adjunta da Pós-Graduação em Educação da UFMG,
- 2) Analícea Calmon Santos, Professora Adjunta do Curso de Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica da UFBA,
- 3) Andrea Martello, Pós-doutoranda e Professora Adjunta (PNPD/FAPERJ) junto à PROF. Tania Coelho dos Santos no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ,
- 4) Antônio Márcio Teixeira, Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, Pesquisador do CNPq nível II.,
- 5) Jésus Santiago, Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG,
- 6) Jorge de Figueiredo Forbes, coordenador da Clínica Psicanalítica do Centro de Estudos do genoma Humano, Faculdade de Medicina, USP, São Paulo
- 7) Leny Magalhães Mrech, Livre-docente do Programa de Pós-graduação em Educação da USP,
- 8) Lígia Furtado de Mendonça, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ,
- 9) Márcia Maria Rosa Vieira Luchina, Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG,
- 10) Margarida Elia Assad, Professora-colaboradora do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Cultura da UFPB,

- 11) Maria José Gontijo Salum, Pós-doutoranda e Professora Adjunta na PPGE/UFGM junto à Prof. Ana Lydia Santiago,
- 12) Marta Regina Leão d'Agord, Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS,
- 13) Rita Manso de Barros, Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da UERJ,
- 14) Sérgio Augusto Chagas de Laia, Professor Titular IV do Curso de Especialização em Psicanálise: Teoria e Prática da FUMEC/MG, Pesquisador do CNPq nível II,
- 15) Tania Coelho dos Santos, Professora Associada IV do Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Bolsista de produtividade Científica nível 1 C.

Histórico do grupo

Os integrantes de nosso grupo são muito comprometidos com o ensino, a pesquisa científica, a aplicação técnica e a divulgação da psicanálise em programas de pós-graduação de universidades públicas e privadas. Grande parte deles fizeram seus mestrados, doutorados e/ou pós-doutorados no Programa de Pós-graduação do Département de Psychanalyse de Paris VIII, fundado pelo psicanalista Jacques Lacan, onde se ensina teoria da clínica psicanalítica. Em 2003, nós nos reunimos num *Acordo internacional de pesquisa sobre Psicanálise pura e aplicada: o estatuto do sujeito e do Outro nos sintomas contemporâneos* com esse Departamento de Paris VIII, coordenado pelos professores Serge Cottet e Tania Coelho. Esta cooperação já foi inicialmente marcada pela publicação do livro *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*¹. Por meio desse Acordo, realizou-se, ainda, uma maior integração entre laboratórios registrados no Diretório Nacional de Grupos de pesquisa do CNPq. Pelo PPGTP/UFRJ, sob a supervisão de Tania Coelho, desenvolveram pesquisas de pós-doutorado: Jésus Santiago (2006), Márcia Rosa (2007) e Ana Lydia (2008). Também sob orientação de Tania Coelho, Rita Manso (1999), Analícea Calmon (2005), Maria José Gontijo (2006) e Jorge Forbes (2010) efetuaram seu doutorados. Desta interlocução resultou a criação da Revista aSEPHallus de orientação lacaniana (B2), editada por Tania Coelho com um corpo editorial do qual fazem parte todos os integrantes deste GT. Em 2007, publicamos uma coletânea de artigos em *Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise aplicada*². Em 2010, após as conversações durante XIII Simpósio da ANPEPP, publicamos um conjunto de

¹ Coelho dos Santos, T. (org.) (2005). *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Contracapa.

² Coelho dos Santos, T. (org.) (2007). *Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras.

artigos sobre *Psicanálise e desinserção social* no número 11 da Revista aSEPHallus³. Cada uma dessas produções é um trabalho de conclusão dos temas trabalhados durante os Simpósio das ANPEPP.

Relatório de atividades realizadas pelo GT no biênio 2012/2014

Durante o XV Simpósio da ANPEPP, efetuamos uma rodada de conversações sobre o tema da Psicanálise e os discursos da ciência na contemporânea, que produziu o confronto de diferentes perspectivas e experiências institucionais. Publicamos um a robusta coletânea de artigos intitulada *De que real se trata na clínica psicanalítica?*⁴. Esta publicação foi o pivô da organização de alguns dos eventos abaixo relacionados, bem como da participação conjunta em mesas redondas em importantes congressos científicos da nossa área.

- Tania Coelho, Rita Manso e Márcia Rosa (organização do evento e mesa redonda) - De que real se trata na clínica psicanalítica? - Auditório do Hotel Constantino, Juiz de Fora (2012).
- Marta D'Agord e Andrea Martello - Seminário do Laboratório de Psicanálise sobre o livro "De que real se trata na clinica psicanalitica?" - Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da UFRS (01/12/2012).
- Tania Coelho e Jesús Santiago (organização do evento e mesa redonda) - De que real se trata na clínica psicanalítica? - Auditório da EBP/MG (abril 2013).
- Tania Coelho e Antônio Teixeira (mesa redonda) - De que real se trata na clínica psicanalítica - Auditório da EBP/RJ (junho 2013).
- Tania Coelho e Leny Mresch (organização do evento e mesa redonda) - De que real se trata na clínica psicanalítica - Auditório da FEUSP (outubro 2013).
- Tania Coelho e Antônio Teixeira (organização de evento e conferências) - O lugar certo onde colocar o desejo do analista na era dos direitos, III Simpósio do Isepol - Auditório do Hospital Copa D'Or/RJ (junho 2013).
- Em 2012, foram levados ao V Congresso Internacional de Psicopatologia 17 trabalhos de nossos mestrados e doutorandos sobre o tema do impacto regulador ou desregulador dos discursos da ciência sobre as psicopatologias do corpo.
- Tania Coelho, Antônio Teixeira e Márcia Rosa (organização do evento e mesa redonda) - Efeitos colaterais da psicanálise (Psicanalisar quando...) - Auditório da Faculdade de Arquitetura da UFMG/BH (setembro 2013).

³ Disponível em: <http://www.nucleosephora.com/asephallus>

⁴ Coelho dos Santos, T., Santiago, J. & Martello, A. (orgs.) (2012). *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

- Tania Coelho e Maria José Gontijo (organização CAIA/ISEPOL do evento e mesa redonda)
- Por um desejo que não seja anônimo - Auditório do Hotel Constantino, Juiz de Fora (2012).
- Tania Coelho e Rita Manso. - Plenária: Saúde e educação, capitalismo e laço social. X Simpósio do PPGP/UERJ: Psicanálise, e saúde entre o estado e o sujeito - Auditório 91/93 da UERJ (outubro de 2013).
- Maria José Gontijo Salum e Ana Lydia Santiago - Mesa redonda: A criança, a escola e os discursos da ciência - EBP/MG (setembro de 2013).
- Ana Lydia Santiago e Maria José Gontijo Salum (mesa redonda). Núcleo de Psicanálise e Direito do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - discussão sobre a entrevista de orientação psicanalítica com um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa (abril de 2013).
- Jesús Santiago (exposição) e Maria José Gontijo (coordenação). Núcleo Psicanálise e Direito - “Erotomania e salvação pelo amor mais digno” (agosto de 2012).
- Márcia Rosa e Tania Coelho (mesa redonda) - Insatisfação histérica e erotomania feminina - EBP/MG (julho 2013).

Márcia Rosa e Antônio Teixeira (comissão científica) organizaram a Jornada Psicanálise ciência: o real em jogo (EBP/MG), do qual participaram com trabalhos apresentados em plenárias Jesús Santiago, Ana Lydia Santiago, Tania Coelho, Márcia Rosa e Antônio Teixeira

Objetivos para o biênio 2014/2016

Nós nos perguntamos quais são as invenções que os sujeitos fabricam nos dias de hoje para defender-se do real da morte, do sexo e do desamparo. Partimos da perspectiva inaugurada por Michel Foucault⁵ de um rebaixamento geral da lei simbólica à norma social. A norma em Foucault define-se por seu caráter produtivo e, nesse sentido, não se confunde com um princípio de separação entre o lícito e o ilícito, nem com um dispositivo de mera repressão ou restrição. Cabem, na abrangência de seu significado, as normas de comportamento, as normas sociais, as normas de conduta, as normas que regulam os saberes, as normas que prescrevem ações e que, relativamente à época moderna, funcionam segundo as formas da disciplina dos corpos e da regulação da vida biológica das populações. Nesse sentido, no campo de interrogação constituído pela analítica do poder em Foucault, trata-se também de buscar compreender as formas de implicação entre a norma (disciplinar e biopolítica) e as estruturas formais do direito. De tal forma que o filósofo poderá afirmar, no capítulo final de *A vontade*

⁵ Fonseca, M. S. (2013). A época da norma. *Revista Cult.* (134). Disponível em <http://www.revistacult.com.br>

*de saber*⁶, que na época moderna a “lei funciona cada vez mais como norma”. Quando o pacto simbólico é rebaixado ao nível do contrato intersubjetivo – isto é, quando a responsabilidade subjetiva devém responsabilidade do Estado – o sintoma histérico (neurose clássica) pode dar lugar à neurose obsessiva, à psicose ordinária e às perversões banais. Jésus Santiago propõe que o componente defensivo do chamado *retorno do recalado* deixou, talvez, de ser a resposta preferencial ao real impossível de suportar. A neurose é a demanda de um Outro sem falhas, Outro da lei representado pelo pai. Segundo o psicanalista francês Jacques Lacan, o recalque e o retorno do recalado são a mesma coisa. O sintoma é, por esta razão, suscetível de uma decifração dessa demanda do Outro mediante a lógica do significante. Seu sentido clássico remete à vertente interpretável que privilegia a mensagem cifrada no campo das formações do inconsciente. O inconsciente, enquanto Outro do sujeito neurótico, detém a força oracular própria do simbólico e sustenta o pacto da relação de um significante a outro significante, mecanismo em jogo no uso da lei como operação metafórica que confere sentido ao sintoma. A prática do psicanalista hoje demonstra a rarefação das formações do inconsciente (sonhos, sintomas, atos falhos) como respostas ao real. Nos dias de hoje os semblantes, verdadeiros operadores metafóricos sobre a relação do sujeito com o gozo, faltam. Por esta razão, a ordem simbólica, afetada pela disjunção radical entre o significante e o significado, precisa do contrato entre pares, da norma e da rotina para regular o corpo e o laço social. As recriminações culposas dos obsessivos nos dias de hoje são tentativas do sujeito de adaptar-se aos moldes de uma conduta *supersocial*, isto é, de uma submissão aos usos comuns e banais da rotina. Nas psicoses, as marcas do ordinário demonstram que as normas sociais, em um mundo sem operadores simbólicos, tornam-se uma verdadeira “ordem de ferro”. O ordinário das normas torna-se mais feroz que o Nome-do-Pai – o pai interditor –, pois o correlato deste não é mais o desejo e, sim, o gozo manifestado na defesa indignada da adequação, sempre insuficiente, ao *supersocial*. Sérgio Laia nos propõe esclarecer que, muito antes do último ensino de Lacan destacar as dimensões do “supersocial” e da “ordem de ferro”, encontram-se duas importantes referências a este tema. Antes de ter formulado sua noção de “ordem simbólica”, Lacan (1966, p. 132) se vale da antropologia de Mauss⁷ para sustentar que “as estruturas da sociedade são simbólicas” e o indivíduo dito “normal” “se

⁶ Foucault, M. (1977). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

⁷ Mauss, M. (2003). *Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie*. In *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, p. 285-312.

serve delas para condutas reais”⁸ – o simbólico, portanto, orienta os “normais” em suas intervenções na “realidade”. Mas aqueles cujos atos extrapolam as normas se servem de “condutas simbólicas” para expressarem as reais “estruturas da sociedade” (Lacan, 1966)⁹. Essa leitura do crime como “conduta simbólica” permitirá a Lacan afirmar que a psicanálise ao mesmo tempo “irrealiza o crime” e “não desumaniza o criminoso” (Lacan, 1966)¹⁰ – o ato infrator *diz alguma coisa*, simboliza algo. Porém tal simbolismo expressado no ato criminoso ou delituoso “só pode ser *parcelar*”, demarcando “o ponto de ruptura que ocupa o indivíduo na rede de agregações sociais” (Lacan, 1966, p. 132)¹¹. Ora, se o símbolo é articulação de duas partes (ou esses dois significantes chamados por Lacan de S_1 e S_2), o “simbolismo parcelar” implicaria a presença de um único significante S_1 isolado, no real, separado da cadeia dos significantes e, nesse contexto, sua articulação com o “supersocial” passaria por sua característica de ser dispersivo subjetivamente em sua propagação, por se comportar como um “enxame” (*essaim*, S_1), um coletivo de normas paradoxalmente anônimas, mesmo que expressem uma relação com o social. Antônio Teixeira nos propõe uma questão de natureza metodológica primordial ao progresso de nossa reflexão. Existe uma questão política que condiciona a eficácia da intervenção psicanalítica, situada na relação do texto com o contexto. O conceito de campo nos indica o espaço intermediário entre o texto e o contexto que, para Pierre Bourdieu¹², é um espaço societário dentro da sociedade, uma espécie de enclave composto por sujeitos que se relacionam de modo particular em torno de determinada doutrina, com graus variáveis de autonomia. Frequentemente, um campo politizado perde autonomia, pois pessoas sem elaboração epistêmica, porém dotadas de capital político, passem a intervir em nome de princípios heterônomos. Enquanto pesquisadores/psicanalistas inseridos no campo freudiano, precisaremos considerar o intervalo entre o texto e contexto, entre nossa doutrina e nossa capacidade de intervenção. Pois, é sobre a base de nossa autonomia como psicanalistas, e não de nossa capacidade de negociação política, que devemos intervir no espaço público. Tania Coelho propõe também uma questão de método.

⁸ Lacan, J. & Cénac, M. (1924) *Introduction théorique* sur les fonctions de la psychanalyse en criminologie. In *Écrits*. Paris: PUF, p. 129-135.

⁹ Lacan, J. & Cénac, M. (1924) *Introduction théorique* sur les fonctions de la psychanalyse en criminologie. In *Écrits*. Paris: PUF, p. 129-135.

¹⁰ Lacan, J. & Cénac, M. (1924) *Introduction théorique* sur les fonctions de la psychanalyse en criminologie. In *Écrits*. Paris: PUF, p. 129-135.

¹¹ Lacan, J. & Cénac, M. (1924) *Introduction théorique* sur les fonctions de la psychanalyse en criminologie. In *Écrits*. Paris: PUF, p. 129-135.

¹² Bourdieu, P. *Pour une anthropologie réflexive*, Paris, Seuil

As novas respostas ao real no século XXI dependem da lógica homogeneizante (todos iguais) que incita o rebaixamento da lei simbólica à norma contratual. Paradoxalmente, o imperativo igualitário produz como efeito indivíduos que reivindicam politicamente o “direito de serem tratados como exceção”. Para explicar os novos sintomas contemporâneos, o discurso dos psicanalistas vem denunciando que vivemos sob uma aliança entre o capitalismo e a ciência. Tem estado à margem deste discurso tudo aquilo que no discurso político atual é concebido como “os avanços no campo dos direitos humanos e conquistas sociais.” Avanços que significam, na prática, a concessão de privilégios por meio de estatutos especiais a indivíduos ou grupos em desvantagem social: crianças, idosos, deficientes, mulheres, negros. A lógica procede por fazer do vício, virtude ou do preconceito, privilégio e nos conduz à desresponsabilização subjetiva em proveito do excesso de normas - nova ordem de ferro - de um estado *supersocial*. Razão pela qual, Jorge Forbes, no Centro de Pesquisas sobre o Genoma Humano, trabalha com sujeitos portadores de distrofias musculares com o objetivo de desautorizar o sofrimento e a reivindicação de ser tratado como exceção, para dar lugar à reinvenção da forma de viver. Tania Coelho defende que devemos à Declaração Universal dos Direitos do Homem (1949) a concepção científica do homem como uma entidade natural e pré-sociológica, que justifica a reivindicação de direitos naturais. Em defesa da autonomia da psicanálise cabe lembrar que nada é mais evidente do que o fato de que os homens não nascem livres nem iguais. Uma criança é um sintoma da relação parental, não é produto do desejo anônimo da sociedade. É preciso que um homem eleja uma mulher como objeto causa de seu desejo e que esta deseje receber dele um filho. Condição necessária para ela dispense cuidados particulares à criança como objeto do seu desejo. Ocorre que uma criança pode ser engendrada sem ser desejada, o que compromete tanto o grau de sua liberdade na vida adulta, quanto a medida de sua igualdade com outros seres humanos, com prejuízo para sua capacidade de responder como sujeito de direitos e deveres e entrar no pacto simbólico. Crianças e adolescentes desamparados fracassam mais na escola, podem tornar-se menores infratores. Rebaixados da condição de sujeitos, devem responsabilidade “do social”, com sua vocação para o apelo à normatividade homogeneizante e à arbitragem judicial. É o que Ana Lydia Santiago e Maria José Gontijo demonstram, questionando a atribuição que nossa sociedade faz às instituições civilizadoras de formar o filhote do homem nos valores democráticos, a fim de que possam exercer seus direitos e deveres no futuro. Às instituições responsáveis pela educação, caberia a transmissão dos valores civilizatórios para a nova geração. A escola é concebida como uma instituição mediadora entre a família e o social. Por isso, a educação universal, para todas as crianças e adolescentes, é justificada como um direito

fundamental, pois é ela o que vai permitir a busca e o exercício da cidadania. O conceito de “Educação Inclusiva” foi concebido dentro dessa lógica, à luz dos Direitos Humanos. Constatamos que o ideal da inclusão resta como uma dificuldade ou até mesmo um impasse para os gestores e professores. Apesar de matriculados nas escolas, crianças e adolescentes permanecem sem a aquisição da leitura e escrita. No ambiente escolar, produzem sintomas que levam à segregação e fazem fracassar o ideal de inclusão. Muitos, quando se evadem da escola, encontram na socioeducação um novo ideal para incluí-los no social. Parafraseando o educador Roberto Carlos, podemos nomear esses adolescentes como os “filhos do governo”? Essa nomeação nos indica a incidência do supersocial nesses casos? Estaríamos diante de crianças e adolescentes para os quais não encontramos, na família, a transmissão de um desejo particularizado que veicularia, em cada uma, o desejo de “ser grande”, de “ser alguém quando crescer”. Sem este desejo particular é impossível fazer um laço sintomático com a escola. Ao contrário, elas apresentam uma posição de recusa ao conhecimento, aprisionados numa verdadeira ordem de ferro, e que se manifesta como agressividade e fracasso. Analícea Calmon interroga a incidência sobre o corpo da articulação entre o discurso da ciência e o discurso do capitalismo. A questão que se coloca é: que lugar tem ocupado o corpo no século XXI, frente à redução do simbólico? As três principais teorias sobre o corpo que podemos identificar ao longo do ensino de Lacan – corpo especular, corpo topológico e corpo real – são respostas à cultura. Para dar um desenvolvimento à indagação sobre o lugar do corpo no século XXI, é preciso tomá-lo na perspectiva teórica do real, considerando a posição da psicanálise com relação ao lugar que tem sido dado ao corpo anatômico frente à ordem da natureza e à desordem do real. Rita Maria Manso de Barros questiona o uso do significante *despertar* pela mídia a partir das manifestações recentes no Brasil. O sintoma social, previsto por Marx, foi identificado por Lacan ao conceito freudiano de mal-estar da modernidade. O avanço do campo das descobertas científicas e suas invenções, que num mesmo movimento acrescentam e retiram bens da humanidade, modificou as subjetividades. O discurso do capitalista, ao promover a alienação dos sujeitos traz consequências pelo excesso de gozo, que é, paradoxalmente, o aumento da insatisfação. Fazer imperar a relação entre coisas sobre a relação entre homens é o que esse discurso promove, deixando evidente o desprezo pelo laço social e a consequente patologização da vida. Só o discurso do analista faz frente à voracidade do capital, já que é capaz de conduzir do gozo ao desejo. Quando a prioridade é o lucro, o salário do trabalhador é reduzido ao mínimo necessário para sobreviver. Os corpos ficam submetidos à uma lei de ferro e talvez por esta razão, as manifestações populares são novas invenções para usar o corpo para outra coisa que não trabalho ou as baladas e substâncias

químicas. Propõe que a lei simbólica foracluída, retornava até recentemente, como rígidas normas sociais do discurso politicamente correto. As manifestações sociais incorretas em várias partes do mundo e as de junho no Brasil demonstram uma mudança nas respostas ao real. Faz-se importante pensar o que está em jogo na crise do capital na tentativa de apagamento do sujeito, sobretudo na medicalização da vida íntima e nas manifestações de insatisfação das massas no caso do Rio de Janeiro. As massas despertaram mesmo? O despertar é provocado pelo encontro com o real. Ou estão apenas vivendo, como supõe Žizek, passagens ao ato, em que a violência deixa explícita a impotência? Andrea Martello prolonga esta mesma questão sobre a natureza da resposta ao real, em jogo nas manifestações desencadeadas depois de junho de 2013 no Brasil e no mundo. Também se pergunta se seria uma forma de passagem ao ato, um modo de satisfação pulsional direta, que não se refere a uma causa ou à luta por um ideal? Propõe quanto aos efeitos do rebaixamento da lei simbólica - mais além da neurose obsessiva e as psicoses ordinárias - que a estrutura da perversão pode nos ensinar como abordar a realidade política atual no que se refere às manifestações e seus choques de interesses. As manifestações são menos o índice de um retorno do recalcado na ordem social e muito mais o índice de uma desordem no real? O que é que agrega as manifestações que contemplam as mais variadas, e até mesmo opostas, reivindicações? Se não há um conjunto dos que compartilham o mesmo nome, uma mesma causa, um líder, o que une essas pessoas e as levam às ruas? Será apenas uma questão política de luta por direitos ou um modo de satisfação pulsional? Seria um retorno no seio do laço social globalizado, da expressão perversa da pulsão, uma operação que consiste em colocar o objeto *a* no lugar do Outro barrado?" (Lacan, 1966, p. 823)¹³. Lígia Furtado de Mendonça também interroga a perversão em jogo na cultura e na clínica, que emerge por meio de práticas que se sobrepõem à ética e cerceiam a atuação psicanalítica. Toma como exemplo a recente campanha na França para proibir as equipes de saúde de utilizar a psicanálise no tratamento do autismo. Em busca de resultados garantidos, tanto a perversão quanto o capitalismo abolem a diferença, a singularidade irreduzível do sujeito, aquilo que ele tem de incomparável. Marta D' Agord observa justamente, o efeito de padronização segundo os protocolos diagnósticos que se manifesta na circularidade das demandas de psicoterapia. Os sujeitos descrevem seus comportamentos para que se enquadrem nas descrições propostas pelas classificações estatísticas. Recorda que na conferência proferida em Milão, em 1972, Lacan¹⁴ previu a

¹³ Lacan, J. (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁴ Lacan, J. (1972). *Conferência de Milão*. Inédito.

emergência de um novo discurso que viria a substituir o discurso analítico, uma vez que “outra coisa” apareceria para sustentar a posição do semblante a serviço do discurso do capitalista”. Citando Lacan¹⁵: “discurso PST [PSicoTerapia]. Incluam um E, isso faz PESTE [PESTEterapia]”. Sem dar maiores esclarecimentos sobre o chamado discurso PST, Lacan expõe seu pressentimento sobre o futuro da psicanálise em um mundo imerso no discurso do capitalista e conduzido pelo discurso da ciência. Ao não fornecer o matema desse novo discurso que estaria por vir, Lacan (1972) permite lançar uma hipótese acerca do que foi proferido em Milão. Lacan formula o discurso do capitalista a partir de uma torção entre os termos situados no lado esquerdo do discurso do mestre. Se o discurso PST é o substituto do discurso analítico, e seguirmos a mesma lógica de Lacan, quando este formulou o discurso do capitalista como uma torção do lado esquerdo do Discurso do Mestre, é preciso efetuar a torção entre os termos situados no lado esquerdo do discurso do analista. Obteremos assim, o saber S_2 no lugar do agente e o objeto a no lugar da verdade (S_2/a). O agente detém o saber, e toda produção do sujeito somente vem a confirmar esse saber por antecipação. Nossa pesquisa começa e termina considerando os múltiplos efeitos desta suposta aliança entre ciência e capitalismo.

Proposta de trabalho

Nossa metodologia de trabalho é psicanalítica. Trata-se da conversação, dispositivo estabelecido pelo psicanalista Jacques-Alain Miller¹⁶, que a definiu como um processo de livre associação coletiva. Com base nos objetivos acima propostos pelos participantes do GT, selecionamos cinco eixos para instalar conversações durante o XV Simpósio. Cada um deles será coordenado por dois participantes, que ao final escreverão um pequeno relatório. São elas: 1) Questões de método (Antonio Teixeira e Tania Coelho): autonomia do discurso psicanalítico frente à heteronomia dos discursos políticos hegemônicos 2) Questões de fundamentos teóricos (Sérgio Laia e Jésus Santiago) distinção entre lei simbólica e normatividade social: o conceito de supersocial e de ordem de ferro. 3) Questões sobre o supersocial/ordem de ferro nas políticas públicas (Ana Lydia Santiago e Maria José Gontijo) leitura psicanalítica dos impasses das políticas de inclusão social 4) Questões de teoria dos discursos (Marta D’Agord e Analícea Calmon) efeitos da aliança do discurso do capitalismo com ideologias baseadas na ciência 5) Questões sobre a perversão (Rita Manso e Andrea

¹⁵ Lacan, J. (1972). *Conferência de Milão*. Inédito.

¹⁶ Miller, J.-A. (2005) *La pareja e el amor: conversaciones clinicas con Jacques Alain-Miller em Barcelona*. Buenos Aires: Paidós.

Martello) estatuto das manifestações sociais espontâneas: reação à perversão do discurso capitalista ou reação perversa? Uma coletânea de artigos intitulada: “*Da lei simbólica à normatividade da rotina: o supersocial e a ordem de ferro*”, orientada pelos relatórios do XV Simpósio da ANPEPP, será publicada pela Cia de Freud depois do simpósio de 2014. Ela vai nortear nossas intervenções na psicanálise aplicada, conferências, mesas redondas e organizações de simpósios e congressos e, principalmente a orientação adotada nas intervenções técnicas em instituições públicas com a psicanálise aplicada. E estamos escrevendo os capítulos, sob a coordenação de Antônio Teixeira, de um *Tratado de Psicopatologia Lacaniana*, que promete atualizar o ensino desta disciplina à luz da orientação que estamos desenvolvendo neste projeto.

Participação conjunta em bancas examinadoras no período 2012/2013

Teses de doutorado

Mendes, F.S.P. (2013). *O real na ciência e na psicanálise*. (Tese de doutoramento não publicada). UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora), Andrea Martello e Antônio Teixeira)

Fonseca, V. W. (2013). *Efeitos subjetivos da pobreza*. (Tese de doutoramento não publicada). UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora), Marcia Maria Rosa e Andrea Martello)

Feres, L. (2013). *A psicanálise e o mal*. (Tese de doutoramento não publicada). UFMG, Brasil.

(Jésus Santiago (orientador), Tania Coelho dos Santos, Sergio Laia e Ana Lydia Santiago)

Abreu, D.N. (2013). *As concepções da parceria analítica*. (Tese de doutoramento não publicada). UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora), Sérgio Laia e Andrea Martello)

Duarte, A. C. L. (2013). *TDAAH: novo sintoma da criança ou a criança como sintoma da contemporaneidade*. UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora))

Neto, E. A. (2013). *Os lugares do analista no ensino de Lacan*. UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora), Marta Leão D’Agord e Andrea Martello)

Pacheco, L. V. (2012). *O uso de drogas como índice da psicose na adolescência* (Tese de doutoramento não publicada). UFMG, Brasil.

(Sergio Laia e Ana Lydia Santiago)

Couto, M. P. (2011). *O fracasso escolar e a família: o que a clínica ensina?* (Tese de doutoramento não publicada). UFMG, Brasil.

(Ana Lydia Santiago (orientadora) e Sergio Laia)

Dissertações de mestrado

Paula, F. Q. (2013). *Da castração como rochedo freudiano à vertente feminina da sexualização lacaniana.* (Dissertação de mestrado não publicada). UFRJ, Brasil.

(Tania Coelho dos Santos (orientadora) e Andrea Martello (co-orientadora))

Facury, T. C. C. (2011). *A escuta da psicanálise sobre a pele: uma abordagem da doença psicossomática.* (Dissertação de mestrado não publicada). UFMG, Brasil.

(Sérgio Laia e Marcia Rosa)

Santos, M. J. (2013). *Sob o véu da psicopatia.* (Dissertação de mestrado não publicada). UFMG, Brasil.

(Márcia Rosa)

Pedron, L. S. *Entre o coercitivo e o educativo: uma análise da responsabilização socioeducativa na internação de jovens em conflito com a lei.* (Dissertação de mestrado não publicada).

(Ana Lydia Santiago (orientadora) e Maria José Gontijo Salum)

Vale, F. *A efetividade do diagnóstico psicopatológico para a inclusão escolar de alunos com transtornos globais do desenvolvimento.* (Dissertação de mestrado não publicada).

(Ana Lydia Santiago (orientadora) e Maria José Gontijo Salum)

Doutoranda: Lígia Furtado de Mendonça, Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, Rita Maria Manso de Barros (orientadora).

Pós-doutorado:

Maria José Gontijo Salum. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora: Ana Lydia Santiago. Dezembro de 2012 a dezembro de 2013.

Andrea Martello. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Orientadora: Tania Coelho dos Santos. Julho de 2010 a julho de 2015.

Exames de qualificação de doutorado:

Romina Magalhães Gomes. *A avaliação pericial do psicótico infrator na sociedade de controle: há lugar para respostas do sujeito?.* Antônio Teixeira (orientador), Tania Coelho dos Santos e Márcia Rosa.

Ernesto Andrés Anzalone Vasquez (2013). *A histeria contemporânea: sintomas, discurso e lugar.* Jesús Santiago e Márcia Rosa, UFMG.

Kátia Oliveira Mariás. *A difícil tarefa de garantir a educação profissionalizante de jovens em conflito com a lei: A conversação com os jovens como meio de intervenção sobre as dificuldades de inserção no mundo do trabalho*. Ana Lydia Santiago (orientadora) e Maria José Gontijo Salum.

Participação conjunta em publicações

Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) (2012) *De que real se trata na clínica psicanalítica?* Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

- Apresentação: Tania Coelho dos Santos e Jésus Santiago

- Artigos:

Coelho dos Santos, T. (2012) Existe uma nova doutrina da ciência na psicanálise de orientação lacaniana? In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) (2012) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Teixeira, A. M. R. (2012) A prudência do psicanalista In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Barros, R. M. M. (2012) A psicanálise e sua inserção no discurso da ciência. Surgimento e sobrevivência da psicanálise. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

D'Argod, M. R. L. & TRISKA, V. H. C. (2012) Surgimento e sobrevivência da psicanálise. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Assad, M. E. & BARRÊTO, E. F. Nomeação: um savoir-y-faire para além do pai. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Mrech, L. M. (2012) A cientificização da educação: novas encarnações do discurso científico? A psicanálise, o direito e os discursos da ciência. Maria José Gontijo Salum In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Calmon, A.S & Junior, W.C.M. (2012). A ciência à serviço do delírio: “como seria belo ser uma mulher!”. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

Vieira, M.M. R. (2012) Psicanálise: uma ciência das intimidades? In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.

- Martello, A. (2012). Os paradoxos do sujeito da ciência: do mito da lei moral à presença real do analista. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.
- Laia, S. A. C. (2012). Coisas mensuráveis e “coisas de fineza”: a classificação dos transtornos mentais no DSM-V e a orientação lacaniana. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.
- Santiago, A.L. O saber na ciência da educação, o sujeito da psicanálise e a pesquisa-intervenção sobre casos de fracasso escolar. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.
- Santiago, J. Quando o phármakon torna-se droga há desordens no real. In Coelho dos Santos, T. Santiago, J. & Martello A. (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica?*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.
- Tania Coelho dos Santos, Márcia Rosa, Ana Lydíia Santiago e Maria José Gontijo Salum. (2012). Artigos em aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana (13).
- Tania Coelho dos Santos e Marta Leão D’Agord. (2011). Artigos em aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana (12).
- Tania Coelho dos Santos, Jésus Santiago, Sérgio Laia, Antônio Teixeira e Maria José Gontijo Salum. (2011). Artigos em aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana (11).
- Tania Coelho dos Santos, Antonio Teixeira, Sérgio Laia e Márcia Rosa. Artigos em aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana (10).
- Laia, S. & Santiago, A. L. (2013). Conversação: A prática analítica nas instituições. *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, vol. 5, 73-109.
- Laia, S. (2013). Comentário teórico: o diagnóstico no DSM-V e o TDAH. In Santiago, A. L. & Mezêncio, M. (Org.). *A psicanálise do hiperativo e do desatento... com Lacan*. 1ªed. Belo Horizonte: Scriptum, 167-174.
- Laia, S. (2012). La ballena y el oso polar: consideraciones lacanianas sobre el DSM-V. In Krueger, F. & Glaze, A. (Org.). *El orden simbólico en el siglo XXI (no es más lo que era - ¿qué consecuencias para la cura?*. 1ed. Buenos Aires: Grama Ediciones, 278-291.
- Revista Curinga. *Ciência, Corpo e Real*. (36), junho 2013.
- Santiago, J. O analista e as desordens do real do sexo no século XXI. 145-153.
- Laia, S. (2013) O real como pedra angular do ensino de Lacan. In *Boletim eletrônico do Conselho da EBP*. (171), 153-165.
- Santiago, A. L. & Mezêncio, M. (orgs.) (2013) *A psicanálise do hiperativo e do desatento com Lacan*. Belo Horizonte: Editora Scriptum.

Laia, S. (2013) O diagnóstico no DSM V e o TDAH. In *A psicanálise do hiperativo e do desatento com Lacan*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 167-175.

Santiago, A.L. (2013). O que rosa ensina sobre hiperatividade. In *A psicanálise do hiperativo e do desatento com Lacan*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 155-167.